Aula 3

Referências Bibliográficas

Cambraia, César Nardelli, 2005. *Introdução à crítica textual.* São Paulo: Martins Fontes (Col. Leitura e Crítica)

Faraco, Carlos Alberto. 2005. *Lingüística histórica – uma introdução à história das línguas.* Edição revista e ampliada, 2 ed. *São Paulo: Parábola*. Na ponta da língua, 12.

Gilbert, Glenn G. 2009. The first systematic survey of the world's pidgins and creoles: Hugo Schuchardt, 1882-1885. In Holm, John, & Michaelis, Susanne (eds.*). Contact languages: critical concepts in language studies*, 177-187. New York: Routledge. Vol. 1.

Zanoli, Maria de Lurdes. 2015. *A checagem de 'foco' da categoria 'sujeito' no cabo-verdiano – variedade de São Nicolau.* Munchen: Lincom Europa. Lincom Studies in Pidgin & Creole Linguistics, 14.

Tema da Aula

(i) *A Linguística Histórica: a relação mais óbvia com a crítica textual (filologia)*

(I) *A Linguística Histórica: a relação mais óbvia com a crítica textual (filologia)*

- A linguística do séc. XIX é denominada de *gramática ou linguística histórico-comparativa*.
- A Linguística Histórica é a relação mais óbvia com a crítica textual (filologia).
- Os procedimentos de crítica textual – ver Cambraia (2005) –, desenvolvidos e refinados pela filologia, são indispensáveis ao estudioso de linguística histórica, que tem como fonte principal dados de textos antigos – ver Faraco (2005: 132).

Faraco (2005: 130-131)

- Costuma-se localizar o nascimento da linguística histórica nos fins do séc. XVII.
- A reflexão histórica de que as línguas mudam no eixo do tempo encontra, de certa forma suas raízes nas preocupações filológicas das várias sociedades humanas.
- Filologia é entendida pelo autor como o "[...] estudo de textos antigos com o objetivo de estabelecer e fixar sua forma original".

Faraco (2005: 132-134)

- Os primeiros momentos da linguística histórica associa-se ao interesse pelas civilizações antigas e está diretamente ligado ao estudo do sânscrito.
- Em 1786 William Jones, cidadão inglês e juiz em Calcutá, apresenta uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala, destacando as inúmeras semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim;

- desse "ato" o que surge na Europa e Alemanha – em específico – é a chamada "gramática comparativa": era preciso comparar as línguas, estabelecer seu parentesco e sua ascendência comum.
- Franz Bopp (1791-1867) é tido como um dos precursores da gramática comparativa: comparou, por meio da morfologia verbal, as línguas sânscrita, grega, lituana, persa e germânica. Por meio da apresentação de suas correspondências sistemáticas apresentou fundamento empírico para seu efetivo parentesco. Criava-se assim o *método comparativo* – procedimento central em linguística histórica (que estabelece parentesco entre línguas).
- Pressuposto básico: "correspondências sistemáticas entre as línguas" – ver as "famílias; subfamílias de línguas".

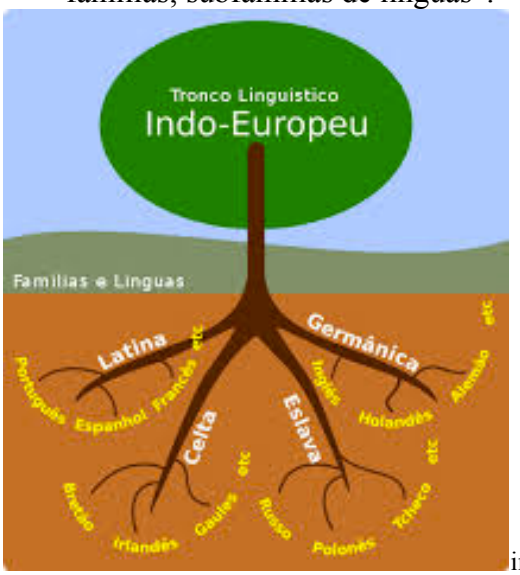

imagem google

Faraco (2005:135-137)

- Como o objetivo básico de Franz Bopp era o de estabelecer o parentesco entre as línguas, esse estudioso trabalhou com textos sem pretender seguir nenhuma cronologia entre eles. Ex.: Bopp utilizou dados do sânscrito anteriores a 1000 a.C.; do grego dos séc. V ou IV a.C.
- Costuma-se dizer que o estudo propriamente histórico foi estabelecido por Jacob Grimm (1785-1863) – dos coletores de 'tales' infantis (dos famosos "irmãos Grimm"). J. Grimm interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações no tempo.
- J. Grimm – diferentemente de F. Bopp (que trabalhou com textos sem preocupação cronológica) – estudou o ramo germânico das línguas indo-europeias em dados distribuídos numa sequência de quatorze séculos, estabelecendo uma sucessão histórica das formas que estava comparando.
- Aliou-se ao empreendimento comparativo o histórico, surgindo a denominação à linguística que se costuma dar ao séc. XIX: *gramática ou linguística histórico-comparativa*.
- A partir de J. Grimm evidencia-se que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e mais, especificamente, com as regularidades dos processos de mudança linguística.

Faraco (2005: 137-147)

A criação e o papel da **filologia românica**
(atente para o termo em *polissemia conceitual do termo "filologia"* - ver Aula 1)

- Os histórico-comparativistas auxiliaram na criação e ampliação de áreas de estudo de subfamílias das línguas indo-europeias.
- Desenvolve-se, nas décadas seguintes, a chamada *filologia (ou linguística) românica*: nome que se deu ao estudo histórico-comparativo das línguas oriundas do latim.
- A *filologia românica* teve um papel fundamental no desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos.
- Schleicher e a língua como um organismo vivo – a classificação genealógica das línguas indo-europeias ("teoria da árvore genealógica").

Os neogramáticos – um divisor de águas

- Uma nova geração de linguistas relacionados com a Universidade de Leipzig (Alemanha) – fins do séc. XIX – que estabeleceu, no tocante à mudança linguística, orientação metodológica distinta da tradicional e apontou para um conjunto de postulados teóricos.
- Os neogramáticos são um divisor de águas: **(i)** pela crítica que imprimem aos antecessores (e que traz consigo muitos adeptos nos anos subsequentes); **(ii)** pela polêmica que instauram.
- Os neogramáticos e uma perspectiva diferente para os estudos históricos: trata-se antes de criar uma teoria da mudança do que apenas arrolar correspondências sistemáticas entre as línguas (postulado que deu novo rigor metodológico aos estudos históricos).
- A hipótese teórica básica dos neogramáticos foi a de que a regularidade da mudança sonora era absoluta. Os neogramáticos, ao "entenderam" as "leis fonéticas" como princípios categóricos, suscitaram enormes críticas.
- Os neogramáticos introduziram, contudo, o desafio de que as irregularidades deveriam receber uma análise completa, não se aceitando que fossem vistas como meros desvios (ou ocorrências casuais).
- Saussurre teve sua formação na 'escola dos neogramáticos'.

Faraco (2005: 150-)

As críticas aos neogramáticos

- Sem negar, em princípio, a existência de regularidade na mudança, os linguistas que se opunham aos neogramáticos não aceitavam que as mudanças se espalhavam por toda a comunidade e por todos os itens lexicais de modo totalmente uniforme.
- Esses linguistas não ratificavam, contudo, um "caráter casual, fortuito, da mudança". Apontavam, no entanto, que a mudança era mais complexa do que sugerida pela formulação dos neogramáticos; mais complexa porque tem a ver com o contexto em que a língua é falada: de forma algum uniforme e homogêneo.

A obra de Schuchardt

- Embora tenham sido vários os linguistas a participarem da crítica aos neogramáticos, foi o austríaco Hugo Schuchardt (1842-1927) o mais importante.
- Hugo Schuchardt, ao se opor ao conceito de lei fonética, chamou a atenção para a imensa gama de variedades de fala; como essas variedades se influenciam mutuamente (como as línguas em contato).
- É assim que Schuchardt, ao mesmo tempo que relativizava a concepção dos neogramáticos, abria uma trilha dentro do tratamento da "mudança" (que, no fundo, pressupunha uma língua sem falante). Introduz, no séc. XX, um tratamento em que o contexto social e cultural é condicionante básico da variação e, dentro dela, da mudança (a *trilha* da dialetologia e, mais recentemente, a *trilha* da sociolinguística).
- Hugo Schuchardt foi também um dos primeiros estudiosos a dar atenção sistemática aos *pidgns* e crioulos (línguas emergentes em situação de contato) – ver Gilbert (2009).
- Ver "Arquivo Schuchardt" – Universidade de Graz em:
  http://schuchardt.uni-graz.at/

Sobre pidgns e crioulos: ver Zanoli (2015: cap. 2)

- *Como já mencionado – Aula 2* –, o "Arquivo Schuchardt" é um importante acervo "filológico" no sentido de filologia românica, por exemplo, e no sentido de "crítica textual" - como estamos tratando filologia neste curso. Por abrigar "textos" diversos, os especialistas do "Arquivo Schuchardt" estão preocupados em estabelecer sua autenticidade e salvaguardar todo o acervo.
- Em suma, colocando um "ponto" em nossa brevíssima abordagem acerca de dois séculos de linguística histórica, o que nos interessou até este tópico foi abordar duas áreas de estudo que a "variação" e a "mudança" – precursoras da linguística histórica – nos colocam (ligadas à crítica textual e à linguística):
  (i) a análise da variação em textos históricos;
  (ii) o princípio da irregularidade da mudança linguística (que se atesta, por exemplo, em línguas pidgins e crioulas) que muitos deixaram de levar em conta durante um enorme tempo.

- OBSERVAÇÃO PRÁTICA PARA O CURSO: chamamos a atenção das turmas, no tocante à temática desta aula – "mudança/linguística histórica/filologia"– para o trabalho de curso que envolverá a temática: *"trabalho filológico com tratamento único de dois séculos distintos"*. Na(s) próxima(s) aula(s) esse tópico será aclarado.